

Política

—CRISE—

O presidente não vai parar de agir sobre as votações da Constituinte. Ele pretende acompanhar tudo até o final do segundo turno. E uma das questões que mais o preocupam é a proposta de anistia aos militares.

Os próximos passos de Sarney

Concluído o trabalho de coordenação política pela aprovação dos cinco anos de mandato, o presidente José Sarney pretende agora se esforçar em torno de outros objetivos na Assembléia Constituinte, acompanhando as votações até o final do segundo turno. Um dos temas que mais preocupa é a anistia aos militares, "que causará uma despesa terrível aos cofres da Nação, se for feita de forma ampla", segundo o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. A preocupação do presidente foi ressaltada na reunião que manteve ontem com os líderes do governo e com o grupo de 10 ministros que têm se encontrado regularmente nos últimos meses para discutir as estratégias de ação do Palácio do Planalto.

Durante a reunião, o presidente avaliou o resultado da votação de anteontem e fez planos para as futuras votações, não tocando no assunto reforma ministerial. Para os ministros presentes, Sarney está mais preocupado é com a retomada do crescimento

econômico, sintonizado com os problemas do custo de vida e da inflação. O que Sarney tem falado, conforme Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, é no exercício da paciência e não em reforma ministerial. "O presidente pretende governar dialogando, aceitando pedidos e dando sinal vermelho a tudo que não for conveniente para o País", disse o ministro, ao responder como Sarney pretende governar o País com as pressões de diversos políticos que apoiaram os cinco anos.

O presidente ficou feliz com o teste de popularidade que teve no primeiro dia dos 651 que a Constituinte lhe garantiu de mandato.

Durante a visita a Superquadra Sul 101, Sarney se encontrou com gente simples e distribuiu beijinhos nas crianças, num gesto que todo estadista gosta de oferecer aos fotógrafos. Sarney foi até lá para agradecer pessoalmente o esforço dos deputados Jessé Freire (PFL-RN) e Raimundo Vieira da Silva (PFL-MA), que mesmo

adoentados foram votar pelos cinco anos anteontem.

No programa "Conversa ao pé do rádio", transmitido ontem por uma rede de emissoras de rádio, o presidente José Sarney fez um apelo ao entendimento, afirmando que o resultado da votação que assegurou um mandato de cinco anos não representa "um divisor de águas", mas "um espaço para o consenso" e prometeu realizar eleições presidenciais, no próximo ano.

Segundo um informante do Planalto, o presidente está preocupado com a distância que separa as decisões da Constituinte, na área econômica, e o projeto de ajustamento que vem tentando acelerar com a equipe do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. O espírito nacionalista, predominante em alguns setores da Constituinte, na visão do governo, pode desestimular o parque industrial. "Devemos fazer o ordenamento jurídico do Brasil moderno, pondo um ponto final na mentalidade e nos atos de populismo fácil",

Um pulinho a Nova York. Com cabeça fresca.

O presidente Sarney embarca amanhã, às 12h30, para Nova York, onde participa da III Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas, dedicada ao desarmamento. No dia 7, Sarney fará o seu pronunciamento defendendo o uso pacífico da energia nuclear. Ao lado do programa intenso da reunião, ele ainda manterá encontros com cinco presidentes de outros países e um vice-presidente, Carlos Rafael Rodriguez, de Cuba.

Sarney viajará acompanhado de sua mulher, dona Marly, dois ministros (Abreu Sodré, das Relações Exteriores e Bayma Denyz, chefe do Gabinete Militar), oito deputados, um senador e do presidente do Inamps, José Pinto Serrão, maranhense e seu amigo pessoal. Os deputados são Márcia Kubitschek (PMDB-DF), Délio Bruz (PMDB-GO), Milton Reis (PMDB-MG), Roberto Jefferson (PTB-RJ), Dionísio Dal Prá (PFL-PR), Jorge

Leite (PMDB-RJ), Sadie Hawache (PFL-AM), Alberico Cordeiro (PFL-AL) e o senador Roberto Campos (PDS-MT).

Não haverá cerimônias para o presidente Sarney quando ele desembarcar de seu boeing 707, às 8 da noite do domingo, porque ele não vai aos Estados Unidos para uma visita oficial ao governo americano. Um encontro com o vice-presidente George Bush, que o governo brasileiro gostaria de marcar, teve que ser abandonado, ao se constatar que os dois não estariam em Nova York ao mesmo tempo.

Também não haverá mais do que uma limousine esperando Sarney, no aeroporto Kennedy. O rumor de que 40 tinham sido alugadas só alegrou o brasileiro Paulino, que normalmente as aluga para o governo brasileiro, por 30 dólares a hora. O único pedido que ele recebeu foi o de preparar dois ônibus, um para a comitiva presidencial, e outro para a imprensa.

"O próprio presidente Sarney estava querendo vir aos Estados Unidos com tudo resolvido", disse um de seus assessores (referindo-se à votação do mandato) já em Nova York, preparando a visita.

"Agora, ficou mais fácil", acrescentou. Um ambiente "positivo muito positivo", já era descrito, ontem, na ONU, pelo embaixador Paulo Nogueira Batista, chefe da missão brasileira. "Agora, ele vai falar com mais autoridade" —

Este Sarney "mais forte" vai se encontrar com Alfredo Stroessner, do Paraguai; Virgílio Vargas, da Colômbia; Muhamed Najibullah, do Afeganistão; Miguel de La Madrid; George Vassiliou, do Chipre; e o primeiro-ministro israelense, Yitzhak Shamir, na tarde de segunda-feira, no hotel Intercontinental, a três quarteirões das negociações da dívida brasileira, que prosseguem emperradas no problema do vínculo entre o pacote dos bancos comerciais e o acordo com o FMI.

Antes de seu discurso de terça-feira, o presidente Sarney será homenageado com uma sessão do grupo dos países Latino-Americanos e do Caribe. E na quarta-feira volta à tarde para o Brasil, e não mais à noite, como estava programado, para chegar a tempo de receber o primeiro-ministro português, Cavaco e Silva,